



Suplemento infantil do jornal

ANO XIV

O SECULO

N.º 715

O inteligente e o burro

Por LAURA CHAVES

NA quinta dum homem rico viviam, numa cocheira, um cavalo e um gerico, uma vida sem canseira.

O cavalo era o «Sultão», O burrico o Caminheiro»; um pertencia ao patrão e o outro era do caseiro.

O cavalo, animal nobre, inteligente, educado; o burro, de raça pobre e com fama de tapado.

Sempre o Sultão desdenhava do burrico a paciência que, com desdém, afirmava ser falta de inteligência.

Pois quando o dono o puxava para a banda da direita, logo o gerico embicava para a esquerda, por desfeita.

E dizia ao próprio burro com superioridade: «Você não seja casmurro, deixe guiar-se à vontade!

Eu, quando me pica a espora, acredite no que eu digo, obedeco sem demora... Faça o mesmo, meu amigo.

Bem sei que esta obediência ao mais pequeno sinal,



é função de inteligência que em nós dois não é igual.»

«Você julga-me parvinho, (disse o burro,) — que isto é bolha... Sou eu que trilho o caminho é pois natural que o escolha.

O meu dono é que é palerma, não percebe, esse maduro, que na estrada inda é a berma o caminho mais seguro.

Como se caminha bem nesse trilho abençoado! Não se atropela ninguém e não se é atropelado.»

Ora os dois, em certo dia, pelos donos cavalgados, lá foram de companhia para a herdade dos Montados.

Logo o dono do Sultão o mete ao meio da estrada, enquanto o gerico, então, pela beirinha choutava.

De repente — que desgraça! — correndo, num turbilhão, um grande automóvel passa que apanha e mata o Sultão!

E quando o esperto, o altaneiro, já não tinha osso nem nada, inda o sensato sendeiro choutava à beira da estrada.

(Continua na pág. seguinte)



Cada vez mais me convenço que, afinal, nesta existência prova melhor o bom-senso do que a própria inteligência.



AVENTURAS FANTÁSTICAS DA MILÚ

Por motivo de força maior, não publicamos hoje a continuação destas aventuras, que prosseguirão no próximo número.

CURIOSIDADES

CURIOSA UTILIDADE DE CERTOS ANIMAIS

Por VIRGINIA LOPES de MENDONÇA

PARENTES dos pelicanos, os cormorans vivem em toda a Europa, e emigram, no inverno, para a África do Norte. Mas onde vivem em bandos, é na Ásia.

Procuram as proximidades da água. Pescam com muita habilidade. Pela manhã, enchem o papo de peixes vários e o resto do tempo ficam aninhados a fazer a digestão.

Há diversas raças de cormorans, mas uma das mais lindas é a de pòps, de cor verde, que vive nos rochedos da Bretanha.

Na Índia, na China e no Japão ensinam estas aves a pescar, duma forma que se tornam úteis ao homem.

Passam-lhes um anel na base do pescoco, o que as impede de engullir.

Assim as lançam à água.

Os cormorans são excelentes mergulhadores e depressa encontram peixe que engolem e lhes fica metido no esôfago.

Aflitos, vêm procurar o pescador, para que este os desembuche, o que facilmente se consegue pela metódica pressão sobre o esôfago.

O peixe sai e soltam de novo a ave. Para que estas tenham bastante fome e pesquem com vontade, deixam-nas ficar um dia sem comer.

Um pescador, com meia dúzia de cormorans, bem ensinados, pode pescar centos de peixes por dia.



Existe um cuco africano que muito auxilia o cafre no interior da África Oriental. Sem a sua vigilância interessada, muitas vezes morreria de fome.

Assim que o «issai» — é este o nome do tal cuco — descobre uma presa, começa a esvoaçar perto do viajante, repetindo um guinchinho especial que soa como: «chire», «chire».

Então, os cafres respondem-lhe assobiando e seguem-no nas suas várias evoluções, porque ele vai voando de árvore em árvore. Se o cuco percebe que o homem lhe perde a pista, aparece, de repente, em frente dele e não acaba a sua manobra, senão quando vê que o entendem.

Desta maneira, chega à abertura do buraco onde estão os favos de mel. Agita, então, as asas, fazendo um grande barulho.

Só as fechas, quando o prêto faz as suas provisões e deixou para elles os restos do festim.

O mais divertido, é que, se o viajante não presta atenção aos seus guinchos e desdenha o tesouro que ele lhe quer indicar, o cuco segue-o durante muito tempo e, enfurecido, vem roçar pelo homem as suas asas tremulas.

É necessário, no entanto, uma grande prudência e bastante experiência da vida das florestas, para distinguir bem os guinchos repetidos do «issai», porque se nota pouca diferença entre o canto que conduz o homem a um enxame de abelhas e o «chire», «chire» que o põe em frente dum leão ou dum elefante.

NO CAMPO

★ ★ Por ARLETE LOPES NAVARRO ★ ★

O Constantino e o Baltazar eram dois irmãos muito simpáticos. Moravam numa modesta casinha, em certa aldeia, onde o sol vinha beijar e assestinar as pétalas das flores trepadeiras, que bordavam as paredes de lindo matiz.

Era um domingo... A luz brilhante do dia, animava os animais e os vegetais, numa onda misteriosa de vida.

— «Minha mãe, — pediu Constantino — deixe-nos ir ao Casal da Serra visitar a tia Maria Luiza.»

— «Está muito calor!» Contrariou a mãe. Mas vendo nos olhos do Baltazar, a tristeza que a sua recusa lhe causara, êle que era tão dócil, obediente e estava sempre tão sôbre-carregado de trabalho, apesar dos seus onze anos, a fim de ajudar os pais na sua árdua faina, condescendeu.

Os rapazes vestiram os seus fatinhos novos, assim como o calçado, beijaram a mãe e puseram-se a caminho.

O sol, fortíssimo, obrigava os pequenos a semi-cerrarem os olhos e êles obedeciam-lhe, numa indolência doentia, que aquela imposição causava.

Uma hora depois, Constantino e Baltazar sentiram sede. A estrada prolongava-se, sem o mais leve sinal de aproximação do caminho que ia ter ao casal.

Sentaram-se numa pedra a descansar. Passou por êles uma velhinha, levando, enfiado no braço, um cabaz tapado com um alvo guardanapo. Vendo os garotos, parou e, olhando-os, suplicou:

— «Se vocês me ajudassem a levar este cesto, Deus vos pagaria tão caro serviço!»

Constantino olhou a velha e respondeu:

— «Estou cansado. As minhas pernas não podem comigo, quanto mais com êsse carrêgo.»

— «Móro perto — disse a velhinha, arquejante. — A distância será fácil de vencer por vós, mas difficil por mim.»

— «Já disse que não. Tenho imensa sede e muito calor. Não me incomode!»

Nos lábios enrugados da velhinha, apareceu um triste sorriso e retomou o seu caminho, arrastando-se com dificuldade.

Baltazar, que não pronunciara uma só palavra, levantou-se e, tirando o cesto do braço da velhota, colocou-o



sôbre a sua cabeça, amparando-o com uma das mãos, enquanto, com a outra, ajudava a velhinha a caminhar.

Na curva da estrada, apareceu uma casa branquinha, onde, depois de entrarem, Baltazar bebeu água muito fresquinha, que lhe saciou a sede. E do cesto, a mulherzinha deu-lhe um grande cacho de uvas e três enormes pêras.

— «Vou mandar a minha neta aparelhar o macho e levá-los na carroça ao vosso destino.»

E a velhinha só deixou o rapaz partir depois de comer a fruta que lhe oferecera, para que êste não repartisse com o irmão, que fôra egoísta e mau.

Constantino teve que sofrer os horrores da sede, durante muito tempo. Só quando chegou a casa da tia, envergonhado, mas emendado para sempre, conseguiu beber água, a água límpida e cristalina que corria, cantante, na mina do casal onde morava a tia Maria Luiza.



RAZÃO DE PÊSO

por FELIZ VENTURA

Já por toda a bicharada corria surdo rumor: Que a Formiga era arranjada, sem possuir um vintém, sendo ela a única que era mais pobre do que ninguém.

Assim, com estas razões, tudo se punha a pensar: — «Se ela de seu nada tem, onde é que o pode ir buscar?»

E o Senhor Bicho de Conta, que era qu'rido e respeitado, exclamou com arrogância e até um pouco irritado: — «Há mistério, com certeza, não pode deixar de haver,



eu gozo grande riqueza e não posso assim viver; pois a despeza que tenho é sempre tão elevada que todos os rendimentos às vezes não dão p'ra nada.

Agora essa pobretona, como se há-de governar?! O marido ganha pouco e ela tem que ir trabalhar para os filhos sustentar.

Foi crescendo a discussão. Já quasi todos os bichos da floresta e arredores se tinham aproximado. Falavam todos à uma, todos qu'riam ter razão. e já os bichos maiores pediam um delegado



UMA PARTIDA INFELIZ

por MARIA AMÉLIA BÁRCIA

QUANDO o Zé e o Carlos estavam em férias, era certo e sabido que já ninguém tinha sossêgo na Quinta das Rosas. Porque fôssem maus os dois irmãos? Não, não era. Mas a verdade é que não havia, de-certo, muitas léguas em redor, dois entes mais amigos de fazer partidas.

Os criados da lavoura já se benziam quando ouviam anunciar que acabara o ano lectivo e os meninos vinham, por aí fóra, a caminho da quinta. E eu estou mesmo capaz de jurar que a própria bicharada, (ovelhas, burros, galos e galinhas,) tudo estremecia lá por dentro, ao pensar nos pratos de polé que era o pão nosso de cada dia, durante o tempo em que aqueles mafarricos estavam em casa.

Bem ralhava o Pai, o senhor doutor Soares, muito amigo dos filhos mas severo para as suas faltas. Bem ra-

lhava a Mãe, a boa senhora D. Luiza, sempre afadigada para evitar as tropelias dos pequenos. Mas qual?! Mal acabavam de fazer um disparate, já estavam pensando noutro.

Um dia — um célebre dia — depois de muito cogitarem, acharam uma nova partida, coisa que, até aí, não tinham experimentado e que, no seu entender, ia dar belos resultados. Só tinham que esperar a hora de a pôr em prática e, para isso, o lusco-fusco seria uma ocasião esplêndida. O Pai tinha vindo, nesse dia, a Lisboa e não ficaria em casa. Tudo corria às mil maravilhas!

Depois do almoço, o Zé, misteriosamente, chamou o Carlos de parte e, mostrando-lhe uma corda, perguntou:

— «E' boa?»

— «Ótima — voltou o irmão já a rir. Vai ser um sucesso, tu verás!»

O resto da tarde passou-se sem novidade. Ao vê-los muito quietos, lendo o «Pim-Pam-Pum», ninguém diria o

para que, em nome de todos, fôsse à formiga falar, pedindo uma explicação.

Mas, nisto, eis que a Formiguinha que ia a passar descansada, pensando na sua vida que corria sossegada, parou de surpreendida, pois inda algumas palavras lhe tinham chegado a si.

E logo, olhando de frente, para toda a bicharada que estava, agora, enleada,



que magicavam aquelas cabeceiras.

Depois do jantar, o Zé, que nestes casos era sempre o embaixador, foi, muito matreiro, pedir licença à Mãe para irem dar uma voltinha pela aldeia.

E lá foram os dois, satisfeitos da vida, a cordinha na algibeira, os olhos a rir, com o ar de quem vai meter uma lança em África.

Chegados à entrada, àquela hora já cheia de sombras, trataram de escolher sitio azado para a proeza.

Belo!... Uma árvore de cada lado do caminho, a corda atada aos troncos, atravessando a estrada, a um palmo de altura do chão, e estava pronta a brincadeira. Faltava, apenas, que os pacóvios da aldeia viessem por ali fóra, muito despreocupados, e zás!... tropeçassem na corda, para gáudio dos dois endiabrados.

Acabado o trabalhinho, esconderam-se cada um de seu lado da estrada e aguardaram os resultados. Ainda dez minutos não eram passados, quando o Zé, olhando ao longe, anunciou:

— «Lá vem um!»

Efectivamente, em mangas de camisa, o barrete às três pancadas, um aldeão caminhava apressadamente.

No seu esconderijo, os rapazes riam baixinho. Era mais que certo que o pobre homem cairia na ratoeira. Agora, já perto, reconheciam-no: era o Zé dos Bois, moço do gado na Quinta das Rosas. Que pressa levava! Onde iria o pateta?

O rapaz avançava, sempre muito açodado, quando, de súbito, catrapús... chão!

O Carlos e o Zé a custo reprimiram uma gargalhada. — «Eia!... O Zé dos Bois a chorar como uma menina, sem se poder levantar!»

Nisto, no cotovelo da estrada, surgiu uma mulherzinha:

— «Eh! Zé dos Bois! Que foi isso, homem?» perguntou, espantada, ao rapaz que, conforme podia, lá se ia levantando.

— «Ai, ti Rosária, deixe-me cá. Eu só queria saber quem foi a alma danada que atravessou uma corda na estrada para fazer cair uma pessoa.

Patifes! Ai, mas o pior é a patrão. Quem há-de acudir à pobre senhora?»

Ouvindo isto, os dois irmãos entreolharam-se sobressaltados e apuraram o ouvido.

— «Mas o que tem a senhora D. Luiza?» interrogou a velhota.

— «Anda lá tudo em casa em polvorosa. A patrão teve um ataque de coração e está muito mal. Eu ia agora à vila chamar o médico, mas, com a maldita corda, torci o pé, não posso andar. Ai, a minha rica patrão que é capaz de morrer!» gemia o rapaz.

Zé e Carlos não quiseram ouvir mais! Dum salto estavam no meio da estrada e, ante a admiração dos dois camponeses, largaram a correr em direcção à vila.

Zé dos Bois, esbugalhando os olhos, apenas ponde murmurar:

— «Foram êles!»

E a ti Rosária, muito sentenciosa, afirmou ao mesmo tempo que se benzia:

— «Que maus rapazes! Mas Deus não dorme, ó Zé!»

Felizmente que o médico, chamado pelos garotos, chegou a tempo de sal-

var a Mãe. O criado também depressa se curou do pé desnocado, como êle dizia na sua pitoresca linguagem.

Só no coração dos dois pequenos ficou, por muito tempo, a lembrança daquelas horas angustiosas em que a Mãezinha se debatera com a morte, esperando o médico que, por culpa dêles próprios, poderia ter chegado demasiadamente tarde. E essa lembrança, melhor do que todos os castigos, os curou da tóla mania de pregar partidas a torto e a direito.

Amiguinho que me lêes: Já pensaste nas conseqüências que pode ter uma partidinha, daquelas que tu tanto gostas de fazer e julgas tão inocentes?

Ora pensa bem e diz-me depois se essa coisa despropositada a que chamamos uma partida, não deve ser riscada do número das tuas brincadeiras. Estou certa, certíssima, de que ficaremos de acôrdo e amigos como dantes.

F I M



exclamou com calma e brio:

— «Todos estais alarmados do meu viver diferente?

Só mostrais, dessa maneira, e com essa vossa ideia, quanto sois bisbilhoteiros, metidos na vida alheia.

Se vós tivésseis bom senso e um pouco mais que fazer, olhariéis vossa vida, faríeis pelo melhor! E agora que isto escutastes, reparaí neste teor:

Economia é riqueza que nem todos sabem ter.

Então, a dona formiga, depois desta preleção, pôs-se a caminho de casa.

A bicharada, calada, foi-se aos poucos dispersando, meditando nesta *sensata* lição.

E agora vos digo eu sem mau pensamento ter:

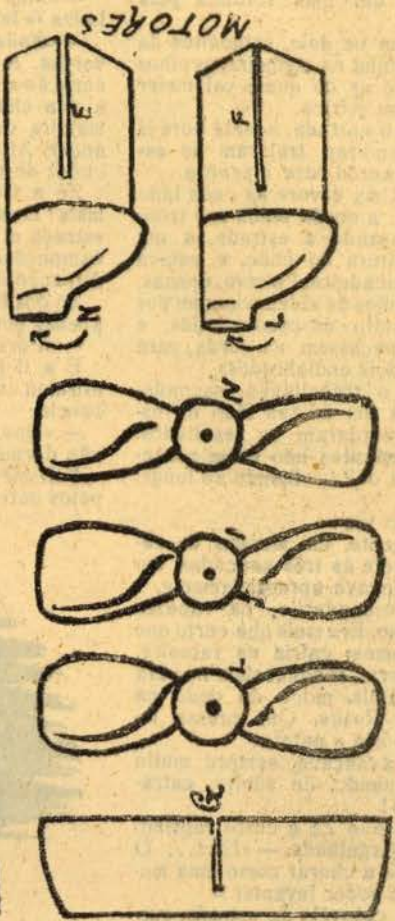
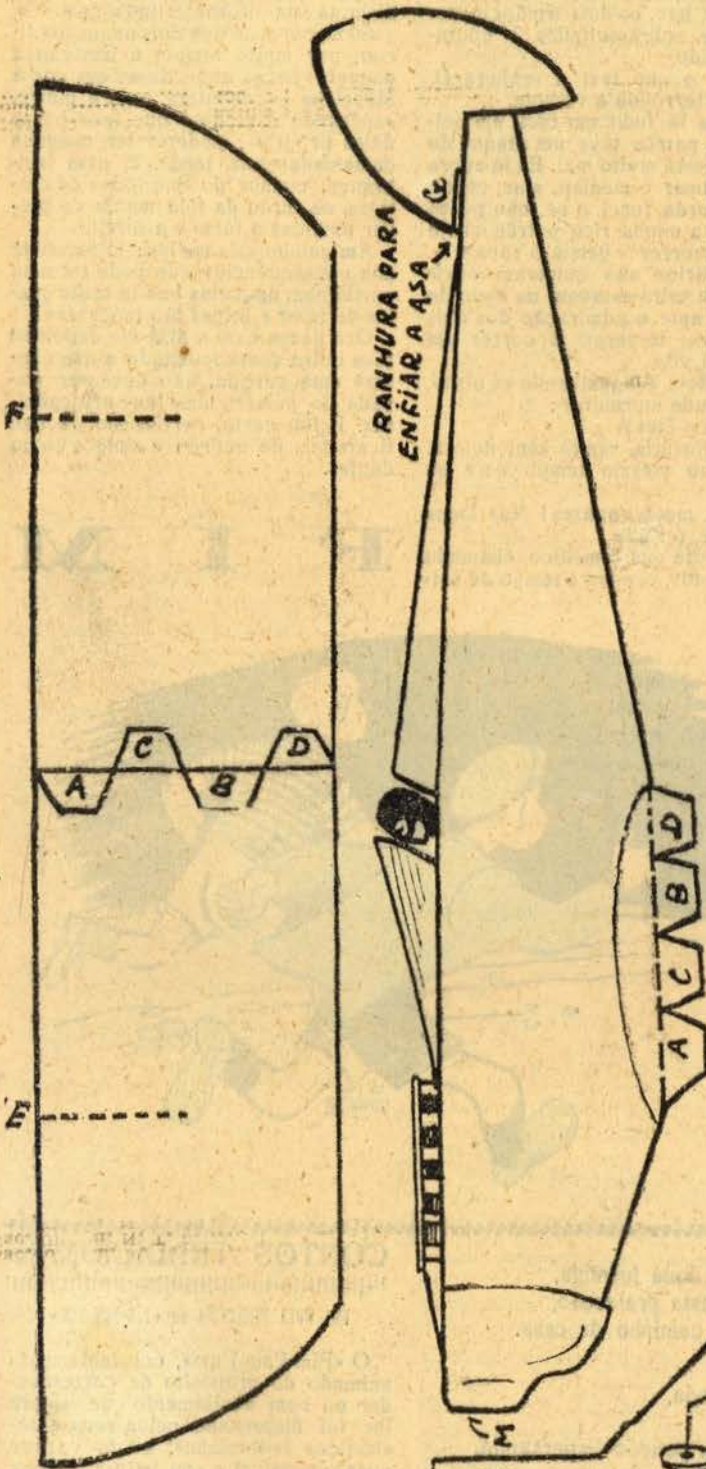
Nada custa andar na vida, Só custa saber viver!

CONTOS TRADICIONAIS

UMA NOVA INICIATIVA do «PIM-PAM-PUM»

O «Pim-Pam-Pum», constantemente animado do propósito de corresponder ao bom acolhimento que sempre lhe foi dispensado pelos seus entusiásticos leitorzinhos, e de variar quanto possível a sua leitura e o seu aspecto gráfico, vai iniciar a publicação duma série de contos tradicionais portugueses, de índole infantil, ilustrados por Arcindo numa sucessão de imagens acompanhadas de resumo do texto. Nesta ordem de ideias, o nosso suplemento começará publicando, no seu próximo número, a linda história intitulada: A GATA BORRALHEIRA.

UM AVIÃO COM MOTORES



Os hélices são presos com alfinetes com um anilha de perno

CONSTRUÇÃO PARA ARMAR

TAVARES JUNIOR

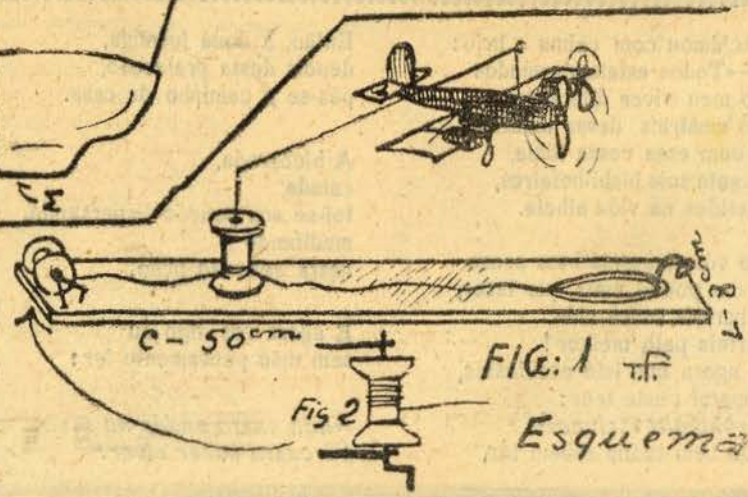
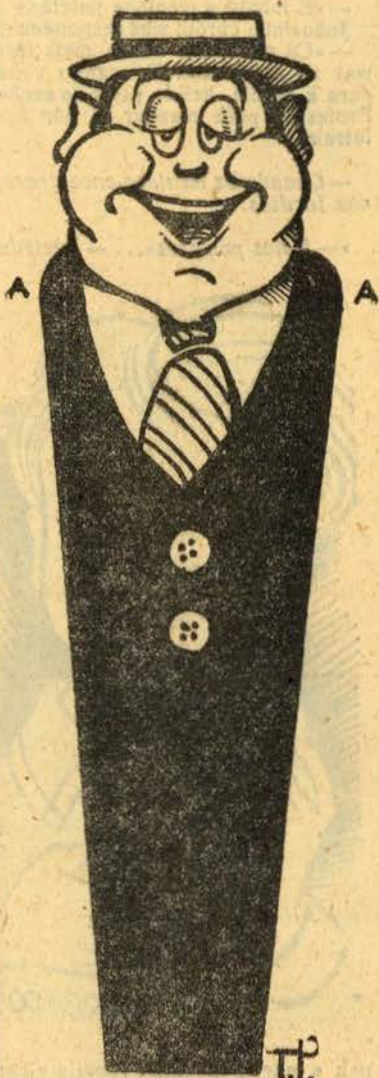


FIG: 1

Esquema

MARCA PARA UM LIVRO



Cola-se a figura em cartolina fraca e, depois de bem sêca, recorta-se, assentando-a sôbre outro pedaço de cartolina. Ficam, assim, duas figuras que se colam, cabeça com cabeça, até pela altura A A.

As duas partes de baixo, sôltas, são as que se entalam na fôlha do livro.

INTERCÂMBIO EPISTOLAR

Por absoluta falta de espaço, não nos é possível inserir hoje os retratos das amiguinhas recentemente inseridas, o que faremos no próximo número. Entretanto, dada a quantidade de novas inscrições, prevenimos as nossas leitoras de que fica encerrada a 1.ª série, pelo que não devem enviar-nos mais retratos, até novo aviso.

A NOSSA PALAVRAS
CONSTRUÇÃO
CRUZADAS

Esta construção, dum efeito muito interessante, compõe-se (fig. 1) duma tábua, de 50 cm. de comprimento, que tem um prego revirado numa extremidade e, na outra, um carrinho, vazio, de linhas (fig. 2). A um terço de distância dêste, um outro, seguro por um prego.

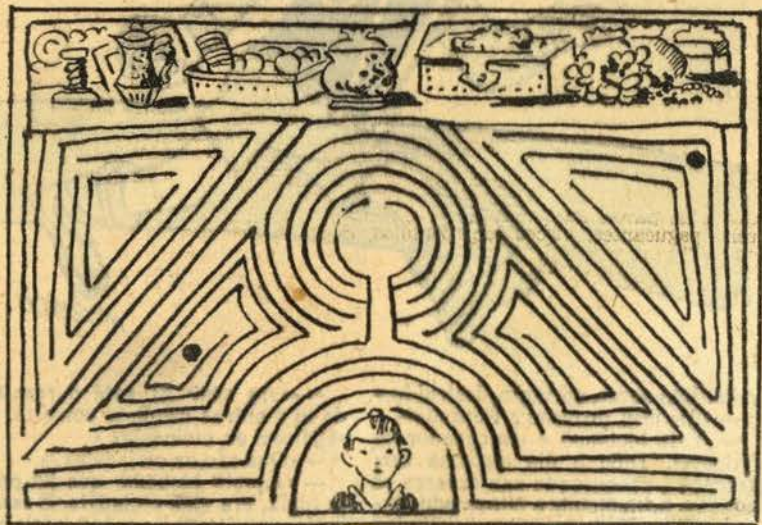
Prende-se, em seguida, uma linha forte a um elástico, enfiando-se êste no prego revirado. A linha dará duas voltas no carrinho vertical e prende-se ao outro, onde se pode enrolar, por meio duma manivela de arame.

Enrolando-se a linha, esta estica a borracha e o carrinho vertical começa a andar à roda. Largando-se a linha, o elástico puxa e faz girar o carrinho ao contrário. E agora, se se prender, por meio dum arame comprido, um avião, o carrinho, ao girar, faz girar o avião, cuja construção também aqui damos. A sua execução é tão fácil que não necessita de mais explicações.



Solução das do último número.

L A B I R I N T O



O papá dêste menino, um grande arqueólogo, descobriu, numa galeria subterrânea, valiosos objectos de Arte antiga.

O pequenito está ansioso por admirar as belezas do rico tesoiro mas não sabe qual o caminho a seguir. Vejam os leitores se são capazes de o conduzir, mas cautela com os pontos negros que representam perigosos e fundos poços.

a cicindela

POR LEONOR DE CAMPOS

— **M**ÃEZINHA! Mãezinha! O bicho picou-me! — gritava o Joãozinho, aflito, — mas eu não o largo, porque é bonito e cheira bem!...

— «Deixa ver, Joãozinho.»

O pequeno abriu a mão. Uma cicindela saltou e depressa desapareceu. Joãozinho ficou desolado:

— «Que pena! Fugiu! Mas eu vou agarrá-la outra vez.»

— «Não, meu filho, não vais. O bichinho anda a trabalhar em teu pro-

— «E' bonita esta maçã, não é?»

— «Bem bonita!»

— «E deve ser gostosa!»

— «Bem gostosa!»

E o maroto arregalou os olhos e deu um estalinho com a língua.

— «Queres comê-la?»

— «Isso nem se pergunta!»

— «Então, come.»

Joãozinho agarrou avidamente na maçã e deu-lhe uma dentada. Mas imediatamente cuspiu, enojado e atirou para longe o resto do fruto.

— «Que foi?» — perguntou a mãe, a sorrir.

— «Que porcaria! Um bicho!...»



veito. Não deves, portanto, destruí-lo.»

— «Em meu proveito? Porquê?»

— «Este bichinho é um caçador infatigável. Todo o dia trabalha sem descanso, procurando nas árvores os insectos prejudiciais e devorando-os.»

— «Mas não é por mim que é feito isso. Se come os outros bichos, é porque gosta deles e lhe sabem a mel!...»

— «Não há dúvida. Mas no fim de contas, quem aproveita és tu, somos todos nós.»

— «Não sei porquê!»

A mãe, então, foi colher uma grande e bela maçã à macieira que estava mais perto. Mostrou-a ao Joãozinho:

— «Ora vê? Ai está o resultado de tu e outros meninos como tu, perseguirem as cicindelas.»

— «Que são as cicindelas?»

— «Aquele bichinho que há pouco te fugiu, era uma cicindela. E essa lagarta, que estava na maçã, seria para ela um manjar delicioso.»

— «Então porque foi, que a não comeu?»

— «Porque não chega para as encomendas. Tem tanto, tanto que fazer, que uma ou outra lagarta por força há-de escapar.»

— «E a tal cicindela não tem quem a ajude?»

— «Tem as irmãs e os pais e os fi-

lhos... Mas... o trabalho é muito e os inimigos são numerosos...»

— «Inimigos bichos?»

— «E inimigos meninos patetas.»

Joãozinho corou, mas respondeu:

— «Cá por mim, nunca mais farei mal às cicindelas. E quando voltar para a escola, hei-de pedir ao senhor Professor para mandar lá pôr este letreiro:

— Quando os meninos encontrarem nos jardins...

— «E nos pomares»... — interrom-



peu a mãe. Joãozinho repetiu e continuou:

— «Nos jardins e nos pomares, uns bichinhos bonitos, de olhos muito grandes, as asas verdes com pontozinhos brancos, as pernas muito compridas e a barriguinha verde e vermelha, não lhes dêem beijinhos, mas também não lhes dêem um sóco. Porque estes insectos bons, que se chamam cicindelas, enquanto vocês estão a dormir a sesta, andam à caça dos insectos maus, que dão cabo das árvores de fruto.»

— «Muito bem, Joãozinho!» — exclamou a mãe, beijando com amor o seu rapaz.

F
I
M